

NOTÍCIA DE TRÊS FESTAS PARA REIS NEGROS NO
MÉDIO SÃO FRANCISCO

ROBERTO EMERSON CÂMARA BEN-
JAMIM
Prof. Adjunto e Diretor do
Dep. de Letras e Ciências
Humanas da UFRPE.

A Festa dos Reis Negros comemorada no ciclo folclórico do Rosário celebrou-se durante o período colonial e o Império em diversas regiões brasileiras.

Sem o esplendor antigo encontram-se reminiscências dessas festas no Ciclo Natalino e no Carnaval em várias regiões e, em pontos esparsos, na Festa de Outubro.

1 - OS CONGOS DO PONTAL FESTEJAM SUA PADROEIRA EM
LAGOA GRANDE

O Seminário do Folclore do Médio São Francisco foi programado de tal modo que permitisse a observação das manifestações folclóricas da região¹.

Na manhã do sábado, 28 de outubro de 1977, dirigimos a caravana constituída de professores da Universidade Federal Rural de Pernambuco e dos integrantes da comunidade petrolinense que se achavam inscritos no Seminário, com destino à vila de Lagoa Grande, do vizinho município de Santa Maria da Boa Vista e situada entre a sede e Petrolina.

Os observadores situaram-se no átrio da igreja, na

¹ O Seminário do Folclore do Médio São Francisco foi realizado pelo Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE, na cidade de Petrolina, sob os auspícios da FUNARTE e com apoio da Faculdade de Formação de Professores, Secretaria de Educação do Município e Museu do Sertão.

ã espera da missa. Logo apareceram os congos - um pequeno grupo de homens velhos, acompanhados de umas poucas mulheres e crianças, vestidos de branco, com um gorro amarelo, enfeitado de fitas coloridas. Uns dez folgazões, se tanto, cantavam uma singela marcha de rua:

"Oh a Virge do Rosário
 Oi, oi, oi
 Mais prá diante um pouquinho
 Oi, oi, oi
 Qu'lengo, lengo, tengo
 Oi, oi, oi
 Mais trás um bocadinho
 Oi, oi, oi
 Qu'lengo, lengo, tengo"

O sineiro deu a última chamada e todos ingressaram na nave da igrejinha, onde se celebraria às 9 horas, a missa do Rosário. O padre, vigário de Santa Maria da Boa Vista, fez ressaltar a importância da manutenção daquela tradição e ao que parece, um pouco constrangido com a numerosa presença dos participantes do Seminário, estimulou a realização da festa de 1978, prometendo que seria menos pobre e mais cuidada.

A bandeira do Rosário, bastante desgastada, que depois recolhêríamos para o acervo da Universidade, estava colocada sobre o altar.

Encerrada a missa, enquanto o padre aproveitava o ensejo para realizar batizados e casamentos os congos saíam para a rua, com sua bandeira, cantando as músicas, velhas reminiscências que atestam a importância da festa, ao tempo em que se realizava na ilha do Pontal².

Os congos que aparecem hoje na Festa do Rosário de Lagoa Grande são, na verdade, um grupo sobrevivente dos fol-

² A ilha do Pontal é uma das ilhas do Rio São Francisco, em seu curso médio, localizada entre as cidades de Santa Maria da Boa Vista e Petrolina, com 12 quilômetros de extensão, tendo um povoado e uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Remédios erigida nos princípios da ocupação na região.

gazões que brincavam na igreja de Nossa Senhora dos Remédios, na ilha do Pontal. Problemas sociais e econômicos levaram os seus integrantes a migrar da ilha para o continente, fixando-se na vila de Lagoa Grande. A Vila vem recebendo uma boa parte dos trabalhadores rurais da região, que abandonando as fazendas busca áreas urbanas, criando verdadeiras favelas rurais nos arruados, vilas e cidades do sertão. Por algum tempo ainda, depois da migração, provavelmente feita família por família, e não de uma só vez - os congos devem ter realizado a festa de sua padroeira na ilha do Pontal. Posteriormente, segundo alegam desgotosos com o desaparecimento da imagem de Nossa Senhora do Rosário - resolveram realizar a festa na própria vila onde residem. É possível que dificuldades de transporte, falta de padre e outras de natureza econômica tenham influído na decisão. Hoje reduzidos a um pequeno grupo de velhos e crianças, sem diferenciação de papéis, os congos parecem ter sido no passado um grupo numeroso, com representação de entretcho dramático, e figuras como rei, rainha, piloto, capitão, general, juiz e juíza etc.

As letras e músicas são próprias do grupo, que canta conservando boa memória do ritmo, melodia etc. A coreografia é bastante diferenciada dos grupos já descritos. O traje e uma curta referênciã na letra das loas aos marujos aproxima este folguedo, do praticado em Juazeiro, na outra margem do rio. Acreditamos tratar-se de uma variante autônoma da Festa dos Reis Negros, bastante diferenciada das demais.

Não encontramos referênciã bibliogrãfica especí-
fica sobre os Congos da Ilha do Pontal.

Á título de ilustração apresentamos algumas das loas coletadas por ocasião da observação:

Sinhã Natalina

Sinhã Natalina

bis

Jã é hora de marchã

.....

Hoje é um dia grande!

Hoje é um dia grande!

Um dia de grande louvor

Um dia de grande louvor

É dia de Nossa Senhora
 Qu'ê nossa protetora

 Nossa rainha mandou me chamã
 Pisa depressa, pisa divagã
 Oi qui viva, oi que viva, oi que vã
 Nossa bandeira vamo alevantã

 Adeus minha gente
 nosso reis também
 Adeus atê pro'ano
 E o outro qui vem

 Não quero seu carinho
 Na porta do quintal
 Sô quero dã louvor
 A ilha do Pontal

 Virgem do Rosário
 Hoje é seu dia
 Vamos festejã
 Com muita alegria

 Qui é que quê
 esse branco c'a nossa folia
 Uma vez no ano
 não é todo dia

 Dom Pedro, Dom Antônio
 Dom Felipe, Dom Tumê
 Os pretinhos de Angola
 Os casais de guinë
 Esse povo já me pede
 Prã essa guerra s'acabã
 Morreu o capitão
 Sô ficou o generã
 Dom Pedro, Dom Antônio
 Dom Francisco, Dom Tumê

Quando eu vim de São Miguel
 Travessei o rio a nado
 Fui dã parte ao nosso rei
 Qui o Brasil tava tomado
 Dom Pedro, Dom Antônio
 Dom Felipe, Dom Tumê

2 - JUAZEIRO, ONDE OS CONGOS SÃO MARINHEIROS

A Festa do Rosário do Juazeiro da Bahia realizou-se no domingo, 29 de outubro de 1977. A Igreja do Rosário é a catedral da Diocese, o que destaca a antiga importância do culto na região.

Se bem que ainda numeroso e imponente como cortejo, o folguedo dos congos está em decadência.

Alcançamos os congos na saída da igreja, após a missa das 9 horas.

Embora a irmandade seja mista e tenha rainha, os congos constituem um grupo masculino. Em 1977 observamos uma única moça vestida ao modo dos congos - tratava-se de uma promessa e a mesma não se integrou ao grupo na execução das coreografias e dos cantos.

Os congos do Juazeiro tiveram rei e rainha. O rei faleceu e a rainha tem hoje idade avançada. Em 1977 desfilaram duas crianças, figurando rei e rainha, também em pagamento de graças alcançadas.

O grupo desfila em dois cordões. Ao centro vai a bandeira. Encabeçam os cordões dois guias, cada qual com um pandeiro, único instrumento musical do grupo. A segunda pessoa da fila é chamada de contra-guia e dirige o coro, respondendo ao guia.

Os congos vestem-se como marinheiros. A calça é branca e a camisa é rosa, de mangas compridas, com uma grande gola azul. A roupa leva "vivos de marujo" (frisos) azuis sobre o rosa, e rosa sobre o azul. Os frisos correspondem aos postos de guia (5), contra-guia (4), congos (de 1 a 3) de acordo com o número de anos na brincadeira. A bandeira é carregada por um velho membro da confraria tratado por "zelador".

O cortejo quando sai da igreja vai passando e parando na porta dos membros da Irmandade, deixando o rei, a rainha e a bandeira em suas casas. (A bandeira ficou na casa da rainha velha).

A data da festa é marcada, agora, de acordo com a disponibilidade do padre para rezar a missa do Rosário.

Tanto a vestimenta do grupo como as referências do canto induzem uma ligação dos congos do Juazeiro aos festejos dos marujos. É impossível que a devoção do Rosário tenha sido introduzida pelos marinheiros da navegação do São Francisco.³

Apresentamos a seguir algumas das loas coletadas por ocasião da observação:

"Com licença da dona da casa,

O - lê

Com licença, o - lê

Olê-lê

Com licença do rei e rainha,

com licença, o-lê

Olê-lê

.....

Eu sou marinheiro arrojado

No mastro da ganhoneira

A Virge Santa do Rosário

E a Nossa Padroeira

E a nossa padroeira

A Virgem Santa do Rosário

Valei-me Nossa Senhora

E a cruz do Santo Sacrário

Oh Virgem com vossa graça

Vamos festejã o

Vamos louvar a Senhora

E o amado São Domingos

.....

O Senhor dos Navegantes

Seja nosso amparo

³ Em Sergipe a Chegança de Marujos é um folguedo ligado à devoção de Nossa Senhora do Rosário.

A estrela que nos aguia
 É Nossa Senhora do Rosário

Eu sou navegante sem mastro
 Venha nos amparã
 Nossa Senhora do Rosário
 No céu, na terra e no mã

A Virgem do Rosário
 É a nossa guia
 Louvemos a Deus
 É a Virgem Maria

Acabou lê-lê
 Acabou
 Fique com Deus
 Qu'eu já me vou
 Minha Senhora a festa já acabou

3 - REIS NEGROS EM FIM DE ANO

Em Floresta a Festa dos Reis Negros, de Nossa Senhora do Rosário, é comemorada no último dia do ano.

Tendo recebido a informação da Prefeitura de que a Festa dos Reis Negros ainda se fazia em Floresta e a data tradicional, decidimos realizar a observação no próprio ano de 1977, considerando que as mudanças em curso no médio São Francisco, com deslocamento de populações, poderia completar a dissolução do grupo dos congos resultando no desaparecimento da tradição.

A única referência bibliográfica que conhecemos sobre a Festa dos Reis Negros de Floresta é do Dr. Alvaro Ferraz. "Recordo-me ainda dos festejos religiosos-populares de Nossa Senhora do Rosário, promovido pelos negros nos meus dias de menino. A missa na igreja, repleta de homens de cor; a coroação e o desfile dos reis negros acompanhado de imenso cortejo, sua guarda de honra armada à espada e seu séquito de nobres, tudo puxado pela cutilada dos pífanos e zabumbas. E o foguetório fedendo os aires".

Adianta ainda o médico florestano que as comemorações natalinas tinham o seu término com os festejos tradicionais dos negros.

Da mesma forma que nas outras comunidades sertanejas a Festa dos Reis Negros de Floresta é matutina. Muito pouco resta da antiga riqueza e importância. Na manhã do dia 31 de dezembro de 1977 a população de Floresta e municípios vizinhos ocupava-se de realizar a última feira do ano, indiferente à comemoração que uma pequena parcela fazia, da antiga padroeira dos negros.

Rei, rainha, uma dama de honra segurando a cauda do manto e um pequeno grupo de devotos, quase todos negros ou mestiços, prestigiados pela presença do prefeito e esposa. Dois espadachins constituem a guarda de honra. Não havia mais lanceiros. Uma banda de pífanos acompanhava o cortejo.

Primeiro a missa, depois do cortejo, para levar os principais em suas casas, na ponta da rua.

Já não se ouvia o canto registrado por Dr. Alvaro Ferraz:

Oi quenda, oi quenda,
 Oi quenda, Maravi'a!
 Hoje é dia do Rosário
 Do Rosário de Maria

A Música era meramente instrumental. Os pífanos, zabumba e caixa, que fechava o cortejo.

Hã a destacar no cortejo a ação dos espadachins. Dois velhos negros esgrimavam em passos de dança e luta, batendo velhas espadas de antigos coronéis da Guarda Nacional emprestadas anualmente para a cerimônia. As espadas retinavam e soltava chispas sob o sol escaldante do dezembro sertanejo. As duas figuras, às vezes paravam a encenação da luta, para espantar os môleques e assustar as crianças, retomando desta forma a sua antiga posição de "Mateus", típica dos autos populares nordestinos - um pouco de palhaço, um pouco de demônio, seriedade e gozação, em ambiguidade permanente.